

ROSANA PAULINO

www.rosanapaulino.com.br

Rio de Janeiro – 2018

Dossiê **Racismo** – 21.3



Rosana Paulino (São Paulo, 1967), artista visual com 25 anos de carreira e exposição em cartaz na Pinacoteca do Estado de São Paulo de 8 de dezembro de 2018 a 4 de março de 2019, tem doutorado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, concluído em 2011, na área de Poéticas Visuais. Em sua tese, anuncia que seus trabalhos procuram “analisar de modo crítico a trajetória de uma parcela da população da qual faço parte”. As técnicas que usa são o desenho e a gravura, em que se formou na USP e no London Print Studio, a costura, a fotografia feita por outrem, a colagem, a instalação. A costura remete à cultura popular e a atividades tradicionalmente femininas. Citando o teórico de cinema André Bazin, diz que as fotografias são “pequenas múmias de papel”.

Com esses materiais e outros ainda, Rosana Paulino fala de ausências na memória brasileira, espaços em branco do tamanho e forma de indivíduos negros, sobretudo mulheres. Fala de suturas que juntam os corpos dessas figuras femininas exploradas, menosprezadas, despedaçadas. Trabalha questões ligadas à violência: na obra “Bastidores”, feita de molduras de madeira que esticam panos com impressões de retratos de mulheres negras, bocas, olhos ou pescoços são cerzidos com linha preta. Vemos aí a tortura escravagista, a violência doméstica, o silenciamento das mulheres negras. A obra foi inspirada, disse a artista em uma entrevista, “por não me encontrar dentro da universidade. Por ter uma formação toda europeia [...] Que sociedade é essa que não se olha?”

O Brasil foi considerado, diz, um grande armazém de flora, fauna e seres humanos a ser explorados. Os ossos e caveiras que aparecem nas colagens de Paulino lembram a ciência antropológica e frenológica do século XIX, pois outro tema de seu interesse é como a classificação científica conformava sistemas de conhecimento racistas. Em outra camada de leitura ainda, lembram o Cemitério dos Pretos Novos, que a tocou profundamente. Em uma subversão dessa ciência classificatória, nos apresenta, neste portfólio, fotos feitas pela expedição de Louis Agassiz, o defensor do criacionismo e do racismo científico que visitou o Brasil nos anos 1865-1866 em busca de “tipos raciais”. Em duas das obras as fotos são adaptadas com desenhos de raízes e “dendritos”, conexões e neurônios que ligam a imagem da escravizada à terra e à cultura *brasilis*. A fauna-flora mulher negra brasileira esquadrihada pelo racismo científico, no trabalho de Paulino inviabiliza os esquemas de classificação.

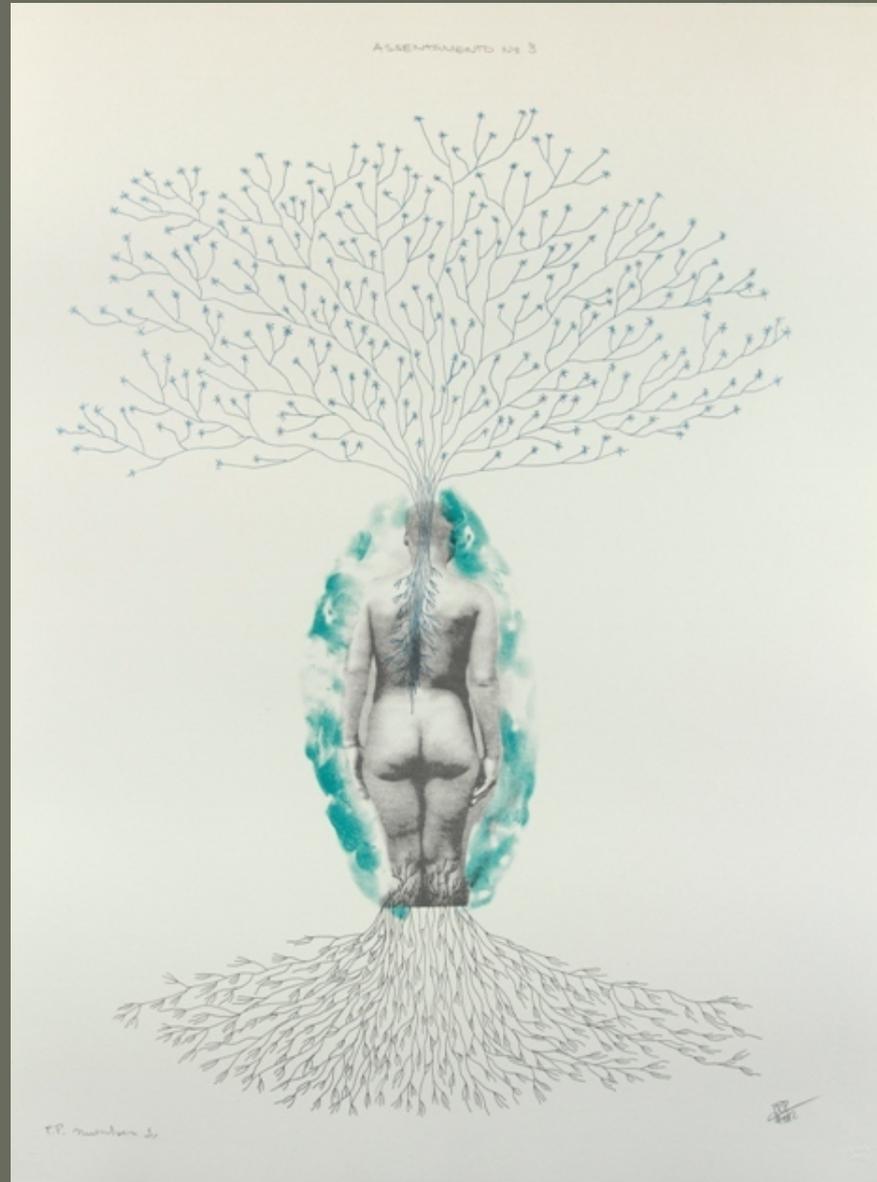
Como na obra de Paulino, na vida política uma das maiores novidades dos últimos vinte anos tem sido a força da mulher negra, como parte de uma história de resistência e símbolo do que sempre foi desvalorizado pela cultura dominante. O movimento de mulheres negras despontou como fórum de discussão de ações afirmativas e dos direitos humanos, a base de uma sociedade democrática, como celeiro de novas lideranças políticas e organizador de fenômenos de massa, como a Primeira Marcha de Mulheres Negras de 2015, em Brasília, que teve a participação de mais de 50 mil pessoas dos pontos mais distantes do país, a vasta maioria mulheres negras “de base”.

Neste dossiê, então, não podia faltar, entre os nomes de renome na produção de conhecimento sobre racismo, o de uma mulher negra. O fato de ser artista permite que Paulino trate, de forma múltipla, as repercussões, para a compreensão do mundo a partir do Brasil, da vida da mulher negra. Coloca em questão, tudo ao mesmo tempo, epistemologias científicas, a imagem da história e as técnicas que se usam para produzir sentido, todos assuntos centrais para o trabalho na área de Comunicação. Na obra de Paulino e no trabalho de pesquisadores universitários, o racismo é como uma tampa que, uma vez levantada e colocada em suspense, revela objetos e temas negados mas cheios de vida.

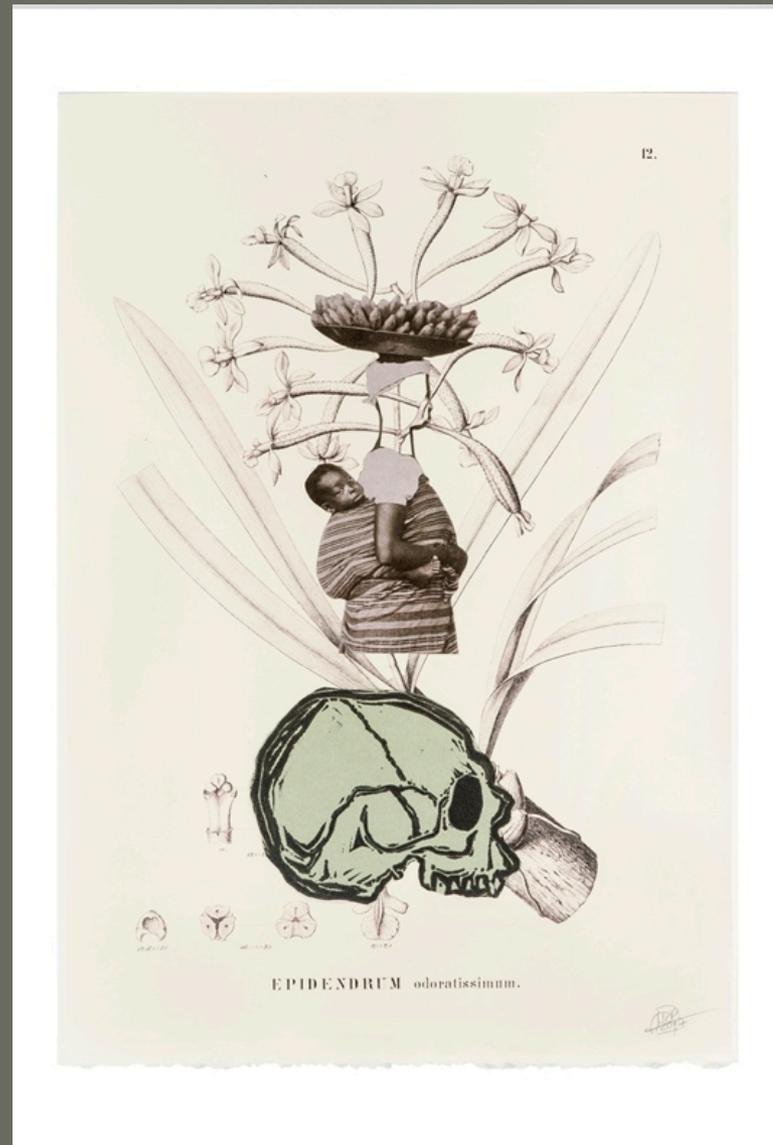
Liv Sovik



ASSENTAMENTO. Litografia a cores sobre papel. 76,0 x 57,0 cm. 2012

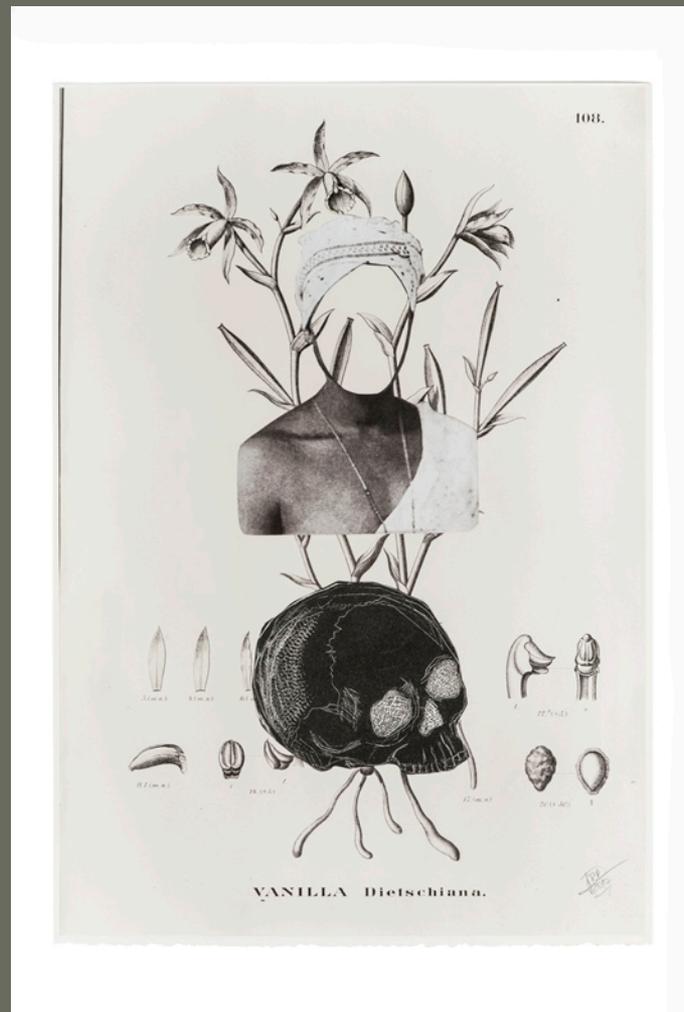


ASSENTAMENTO. Litografia a cores sobre papel.76,0 x 57,0 cm. 2012.



PARAISO TROPICAL

Impressão digital sobre papel, linoleogravura, ponta seca e colagem.
48,0 x 33,0 cm. 2017.



PARAISO TROPICAL

Impressão digital sobre papel, linoleogravura, ponta seca e colagem.

48,0 x 33,0 cm. 2017.



PARAÍSO TROPICAL?

Impressão digital sobre tecido, recorte, tinta e costura

96,0 x 110,0 cm. 2017.



AS RIQUEZAS DESTA TERRA

Impressão digital sobre tecido, linóleo, recortes, tinta e costura
96,0 x 126,0 cm. 2017.